

**POR ONDE RECOMEÇAR**  
**Apontamentos da Introdução de Davide Proseri**  
**na Assembleia Internacional de Responsáveis de Comunhão e Libertação**  
*La Thuile (AO), 26 de agosto de 2022*

- *Oh! vinde, Espírito Criador*

Bem-vindos! Agradeço pessoalmente a cada um de vocês por terem vindo aqui passar estes dias juntos, vindos do mundo inteiro, depois da crise da pandemia e num momento obviamente delicado da história do Movimento.

O Carrón também quis participar através duma mensagem, que me pediu que vos transmitisse e que passo agora a ler:

«Queridos amigos, envio-vos uma saudação cheia de afeto no início desta Assembleia Internacional de Responsáveis, que vos junta do mundo inteiro para darmos um novo passo no caminho aberto por *don Giussani*.

“As circunstâncias pelas quais Deus nos faz passar são fator essencial e não secundário da nossa vocação, da missão a que nos chama. Se o cristianismo é o anúncio do facto de que o Mistério se encarnou num homem, a circunstância na qual a pessoa toma posição a respeito disto diante de toda a gente é importante para a própria definição do testemunho” (L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, Marietti, Génova 1999, p. 63).

Impressionou-me ver esta sugestão de *don Giussani* encarnada num grupo de doentes que conheci recentemente. Fiquei impressionado ao constatar que o dom do Espírito dado a *don Giussani* permite aos nossos amigos em sofrimento que o seguem enfrentarem a doença e até mesmo a morte seguros do amor do Pai, a quem respondem na obediência abandonando-se a Ele com uma letícia que surpreende aqueles que os veem viver assim esta circunstância do seu caminho.

Nos nossos doentes, vi resplandecer uma frase de Von Balthasar que tem me acompanhado nestes tempos: “A confiança original [de Jesus] no Pai, não ofuscada por nenhuma desconfiança, baseia-se na comunhão do Espírito Santo com o Pai e o Filho: o Espírito mantém viva no Filho a confiança imperturbável pela qual toda e qualquer disposição do Pai [...] sempre brotará do amor [do Pai], ao qual agora, pois que o Filho se tornou homem, será necessário obedecer com obediência humana” (H.U. von Balthasar, *Se non diventerete come questo bambino*, Piemme, Casale Monferrato 1991, p. 31).

Essa mesma “confiança imperturbável” amadureceu em quem seguiu o encontro que marcou para sempre a nossa vida, imersos num lugar – a vida do Movimento – que tornou Cristo familiar para nós fazendo-nos experimentar, com *don Giussani*, que “a maior alegria da vida do homem é sentir Jesus Cristo vivo e palpitante nas carnes do próprio pensamento e do próprio coração” (“21 dicembre 1946”, in L. Giussani, *Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo*, Cinisello Balsamo (MI): San Paolo, 2007, p. 53).

Desejo-vos que este encontro, no centenário do nascimento de *don Giussani*, e para o qual vocês vieram do mundo inteiro, seja dominada pela gratidão ao Espírito que no-lo deu. Reconhecemos com simplicidade de coração que o dom do carisma do qual cada um de nós participa é para nos ajudar a viver qualquer circunstância na vida da Igreja com a consciência que São João Paulo II sempre apontava aos sacerdotes do Movimento: “Um movimento autêntico existe, portanto, como uma alma vivificante dentro da Instituição. Não é uma estrutura alternativa a ela. Pelo contrário, é fonte de uma presença que continuamente regenera sua autenticidade existencial e histórica. Desta forma, o sacerdote deve encontrar num movimento a luz e o calor que o torne capaz de fidelidade ao seu Bispo, que disposto a cumprir prontamente as incumbências da Instituição e atento à disciplina eclesiástica, de modo que seja mais forte a vibração da sua fé e o prazer da sua fidelidade” (*Discurso aos sacerdotes de Comunhão e Libertação*, 12 de setembro de 1985).

Da mesma forma, cada um de nós é chamado a surpreender a fertilidade da nossa fé e o prazer da fidelidade ao Mistério presente, obedecendo a quem a Igreja nos indicou para seguir agora, o Davide, para a unidade do Movimento, e dispondo-nos a acolher o que o Papa Francisco vai dizer-nos na audiência de 15 de outubro. Em todos estes anos, eu procurei servir o Movimento na responsabilidade que me fora entregue, sendo o primeiro a seguir os sinais do Mistério em ação na nossa grande Fraternidade. E agora desejo continuar a servir a nossa unidade como qualquer um de vocês.

“Nestes meses, que verificação fizeste do convite para assumir na primeira pessoa a responsabilidade do Carisma? Que descobertas e que dúvidas surgiram?” As perguntas que o Davide identificou para a AIR são decisivas para a nossa vocação. Da resposta que cada um dará irá depender, de facto, a definição da missão a que o Senhor nos chama na Igreja e no mundo.

Vou oferecer os meus dias por aqueles de vocês que conheço e pelos muitos que eu nunca conheci, mas a quem sinto igualmente como amigos no caminho do Destino.

Vosso companheiro de caminho, Julián Carrón.»

Agora vamos cantar juntos.

Cântico: *La strada*<sup>1</sup>

O que me proponho fazer agora não é uma simples introdução. Esta noite queria recapitular, numa luz perspetiva, todas as questões fundamentais que surgiram este ano, no meio da dramaticidade dos eventos que vivemos, para tentar reforçar a nossa consciência e, logo, também a dos nossos amigos, a quem iremos comunicar o fruto destes dias no que diz respeito ao que a circunstância presente, a nossa história e a Igreja nos pedem como tarefa nesta fase da vida do nosso movimento, e para nos darmos conta dos fatores que melhor podem assegurar as condições para a continuidade desta história.

O trabalho que faremos nestes dias será precisamente a partir das coisas que vamos dizer esta noite e do que foi vivido este ano, dialogando entre nós para chegarmos a uma síntese que ajude os próximos passos. Por isso, podemos considerar esta Assembleia Internacional de Responsáveis como um momento que tem uma missão histórica: vocês aqui têm uma missão histórica para o nosso movimento. Irei desenvolver seis pontos.

## 1. A pergunta por onde recomeçar: a que é que estamos apegados?

«As circunstâncias pelas quais Deus nos faz passar são fator essencial e não secundário da nossa vocação».<sup>2</sup> Acabamos de o ouvir na mensagem do Julián.

Parece-me que estas palavras de *don* Giussani – palavras que temos repetido bastante nos últimos anos – adquirem, à luz do momento que estamos a viver como Movimento, um peso e uma intensidade especiais. Com efeito, se olharmos para o ano que passou, não podemos deixar de reconhecer (penso que todos estamos de acordo sobre isto) que as circunstâncias pelas quais Deus nos fez passar foram tão intensas, que abalaram o barco da nossa companhia, chegando a suscitar em muitos confusão e desconcerto, em alguns também amargura e até raiva. Então urge perguntarmo-nos, como nunca antes: em que sentido é que *esta circunstância específica* por que estamos a passar é fator essencial *da nossa vocação*, isto é, contém uma palavra que o Mistério nos quer dizer, um apelo, um chamamento que o Mistério nos dirige? O que é que o Mistério nos quis dizer através de tudo o que aconteceu, e que resposta nos pede?

Estou certo de que cada um de vocês amadureceu, ou está a amadurecer, uma resposta pessoal própria a estas perguntas, e espero mesmo que o fruto desse trabalho possa surgir nas assembleias que vamos fazer juntos, de modo a enriquecer todos, quer se trate de respostas alcançadas, quer de

<sup>1</sup> C. Chieffo, “La strada”. *Cancioneiro*, Lisboa 2017, pp. 295-296.

<sup>2</sup> L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*. Génova, Marietti 1820, 1999, p. 63.

perguntas ou perplexidades ainda vivas. Estamos aqui para nos ajudarmos a seguir em frente, e nenhum de nós – muito menos eu – tem já todas as respostas na manga.

Dito isto, queria começar destacando uma primeira resposta basilar, que é esta: em tempos de tempestade, quando tudo parece flutuar, somos obrigados a perguntar-nos a que é que estamos verdadeiramente apegados, onde é que se apoia a nossa esperança. O Padre Lepori relembrou-nos isto, à sua maneira tão fortemente evocativa, quando, no fim da segunda lição dos Exercícios da Fraternidade, retratou diante dos nossos olhos a imagem de São Paulo, que, enfrentando o naufrágio do barco onde se encontrava, percebe que para salvar todos os seus companheiros, bem como a si mesmo, só havia uma coisa a fazer: ficar preso a Cristo: «Paulo agarra-se à Presença d’Aquele que é toda a sua consistência. E está tranquilo e alegre, sem um vestígio de medo, porque lhe basta Jesus, o Ressuscitado».<sup>3</sup>

Esta parece-me ser, portanto, a primeira grande palavra que o Senhor nos disse e nos está a dizer através dos “recentes abalos” infligidos ao barco da nossa companhia, uma palavra que na verdade é uma pergunta: «Mas a que é que vocês estão *verdadeiramente* apegados?». Ou, mais concretamente: «Na experiência do movimento, o que é que vos é *absolutamente* mais caro?». Não usei palavras ao acaso: é a mesma pergunta que o imperador dirige aos cristãos na famosa passagem do *Anticristo* de Soloviev: «“Homens estranhos [...] Dizei-me vós mesmos, ó cristãos, [...] o que vos é mais caro no cristianismo?” Levantou-se, então, o *starets* João e respondeu com doçura: “Ó grande rei, o que nos é mais caro no cristianismo é o próprio Cristo. Ele próprio e tudo o que d’Ele vem”».<sup>4</sup>

Parafraseando as palavras do *starets*, penso que também nós devemos dizer: o que temos de mais caro no Movimento é Aquele que é origem, fonte e consistência desta vida – Jesus Cristo. Se somos tão afeiçoados a *don* Giussani – e somo-lo obstinadamente! –, é precisamente porque ninguém como ele nos tornou Cristo tão familiar, nos fez experimentar a correspondência entre a realidade de Cristo e a espera profunda do nosso coração, da nossa humanidade. Da mesma maneira, se somos tão afeiçoados a todos os filhos do Gius que nos introduziram à experiência do carisma de CL – penso aqui não apenas no Julián, a quem aproveito o ensejo para agradecer a mensagem que nos mandou, mas também nos muitos homens e mulheres que deram a vida para comunicar a outros a beleza do encontro feito (quero citar, só para ficar no âmbito dos servos de Deus, o Enzo Piccinini e o Andrea Aziani) e que a estão a dar ainda –, é porque através deles, dos seus olhos e da sua voz, pudemos encontrar o olhar e a voz d’Aquele que mudou a vida deles, ou seja, em última análise, aquele homem de Nazaré, o único que pode dizer de si mesmo: «Eu sou a Vida da tua vida».

## 2. «Cristo, Vida da vida»: no coração do Acontecimento que nos prendeu

Em *don* Giussani, nós não encontramos apenas um homem extraordinário. Sem dúvida – quem o conheceu sabe isso muito bem – que ele era *também* isso. Mas nós não estamos aqui hoje *por causa* disso. Nós estamos aqui porque este homem – certamente através e com a ajuda de tudo o que ele era: temperamento, sensibilidade, inteligência, olhar, voz – soube comunicar-nos pelo menos alguma coisa do espanto de que ele vivia, aquele espanto que, quando ele falava – muitos de nós se lembram –, era como se lhe transbordasse dos olhos: o espanto comovido que ele vivia *diante do acontecimento de Cristo*, sentido e reconhecido como satisfação da sede infinita de verdade, beleza e amor, vida que ardia em seu coração, e portanto como fonte de um olhar cheio de piedade comovida ante o mistério do coração de quem quer que ele encontrasse. Permitam-me reler mais uma vez as palavras com que o próprio *don* Giussani descreveu o dia, o momento em que o acontecimento de Cristo investiu e mudou para sempre a sua vida:

«Como escreveu Camus nos seus *Cadernos*: “Não é à força de escrúpulos que alguém se torna um grande homem. A grandeza chega, se Deus quiser, como um belo dia”. Para mim, tudo aconteceu

<sup>3</sup> M.G. Lepori, *Cristo, vida da vida*. Taprobana, Lisboa 2022, pp. 62-63.

<sup>4</sup> V. Soloviev, *Breve conto sobre o Anticristo*.

como a surpresa de um “belo dia”, quando um professor do primeiro ano do colégio – eu tinha 15 anos – leu e explicou a primeira página do Evangelho de São João. Era obrigatório ler aquela página no final de cada missa; por isso, eu já tinha ouvido milhares de vezes. Mas aconteceu o “belo dia”: tudo é graça. Como diz Adrienne von Speyer, “a graça inunda-nos. Isso constitui a sua essência [a graça é o Mistério que se comunica; a essência do comunicar-se do Mistério é que nos inunda, nos invade]. Ela não esclarece ponto por ponto, mas irradia a sua luz como o sol”. [...] Passados 40 anos, lendo este trecho de Von Speyer, percebi o que me aconteceu quando o professor explicou a primeira página do Evangelho de São João: “O Verbo de Deus, ou melhor, aquilo de que tudo consiste, fez-se carne”, dizia, “então a beleza fez-se carne, a bondade fez-se carne, a justiça fez-se carne, o amor, a vida, a verdade fez-se carne: o ser não está num hiperurânio platónico, fez-se carne, é uma pessoa entre nós”. [...] Bom, isso é tudo. Pois a minha vida desde muito jovem foi literalmente invadida por isto: seja como memória que persistentemente tocava o meu pensamento, seja como estímulo para um resgate da banalidade quotidiana. O instante, desde então, deixou de ser banal para mim».<sup>5</sup>

Pois bem, o carisma que nos conquistou tem a ver primeiro e acima de tudo com a experiência aqui relatada por *don* Giussani. Claro, poderíamos passar horas a descrever ao pormenor a excecionalidade da personalidade humana de *don* Gius, e também é importante fazê-lo, se é verdade que o carisma do Movimento não existe de forma abstrata, mas que nos é comunicado através da humanidade e até do temperamento<sup>6</sup> de um homem concreto. Ao mesmo tempo, apercebo-me cada vez mais de que é como se a palavra «carisma» encerrasse uma ambiguidade, pelo menos para os ouvidos de um leigo como eu e a maioria dos aqui presentes, que não tomamos pão e teologia ao pequeno-almoço. De facto, na linguagem comum, quem tem “carisma”, um “carismático”, é alguém que arrasta, um líder nato, alguém que sabe fascinar. É claro que na palavra «carisma», tal como a usamos entre nós, também está contida essa ideia. De facto, a palavra «carisma» indica, na aceção giussaniana e, acrescento eu, eclesial do termo, uma forma especial de viver, sentir, dizer e comunicar a fé da Igreja, que, precisamente pelo tom que lhe é próprio, agrega, torna-se atraente e, portanto, gera um povo.<sup>7</sup> Mas precisamente: aquilo que em última instância é decisivo aqui não é tanto o fascínio da personalidade excecional do “carismático”, e sim o *fascínio de Cristo* que a pessoa do carismático, também mediante e graças à força atrativa que lhe foi dada, sabe despertar em quem o encontra e o segue. Pode parecer óbvio, mas vale a pena repetir. Como disse o então cardeal Ratzinger, na sua memorável homilia por ocasião do funeral de *don* Giussani, se nós o veneramos tanto assim, isso é paradoxalmente graças ao facto de que, ao pensarmos nele, pensamos num homem que gastou toda a sua vida para nos guiar não até si mesmo, mas até Cristo, aquele homem de Nazaré que lhe enchia os olhos de lágrima quando falava d’Ele. Com efeito, disse Ratzinger: «Tendo guiado as pessoas não para si mesmo, mas para Cristo, ganhou justamente os corações, ajudou a melhorar o mundo, a abrir as portas do mundo para o céu».<sup>8</sup>

### 3. Do fascínio de um encontro ao juízo da fé

<sup>5</sup> L. Giussani, “Come nasce un movimento”. Idem, *L’avvenimento cristiano: Uomo Chiesa Mondo*, Milão: Bur, 2003, pp. 31-33.

<sup>6</sup> Cf. Idem, *Dal temperamento un metodo*. Milão: Rizzoli, 2002.

<sup>7</sup> Cf. Idem, S. Alberto, J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*. Paulus, Lisboa 2010, pp. 116-117. A respeito disso, disse-nos o padre Lepori nos Exercícios da Fraternidade: «Se refletirmos bem, vemos que no fundo cada carisma eclesial é uma modalidade particular, uma encarnação particular, da transmissão ao homem do chamamento de Cristo à liberdade, para que quem é alcançado por ele possa levantar-se, como Maria de Betânia, de sua dor muda para alcançar a presença do Ressuscitado [...]. Cada carisma, para quem nele está envolvido, é portador do fascínio deste chamamento, fascínio porque corresponde a tudo aquilo que o meu coração deseja mesmo sem o saber. O carisma que Deus escolheu para ti é aquele em que este chamamento te alcança com mais beleza, concretude e verdade» (M.G. Lepori, *Cristo, Vida da vida*, op. cit., pp. 56-57).

<sup>8</sup> J. Ratzinger, apud A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*. Tenacitas, Coimbra 2017, p. 1219.

Quero deter-me ainda um pouco neste ponto, pois considero que tem implicações mais profundas do que aquilo que possa parecer, não só na nossa forma de perceber o que é o carisma, ou seja, na sua função, no propósito pelo qual o Mistério o suscitou e no-lo fez encontrar, mas também na nossa forma de perceber o conteúdo da experiência que queremos ajudar-nos a viver.

Em primeiro lugar, como aprendemos,<sup>9</sup> o carisma foi e é para cada um de nós, a nível existencial, a forma concreta através da qual o acontecimento de Cristo nos investiu, se tornou interessante e relevante na nossa vida. Pode dizer-se que o carisma é o rosto humano através do qual o acontecimento de Cristo veio ao nosso encontro, fascinando-nos. No início está o encontro com o fascínio de uma presença humana diferente, que misteriosa e irresistivelmente ao mesmo tempo, corresponde ao coração, sem que se saiba dizer porquê. Quantas vezes *don* Giussani nos ajudou a compreender a importância decisiva deste início na dinâmica da fé, ajudando-nos a identificarmo-nos – com aquela sua perspicácia única de penetração psicológica – na experiência que João e André fizeram no primeiro encontro com Jesus.<sup>10</sup>

Mas este fascínio inicial é só o *início*, o ponto de partida de um caminho, e não o *ponto de chegada*. Ou melhor, neste início está já tudo, mas na forma de uma semente que precisa de se desenvolver, precisa de amadurecer, precisa de atingir a consciência explícita do conteúdo do fascínio experimentado, isto é, *das razões do fascínio*. Quantas vezes *don* Giussani insistiu no facto de que os próprios discípulos, embora certos desde o início de terem encontrado o Messias,<sup>11</sup> não tinham ainda percebido grande coisa de *Quem* Jesus realmente era e do que queria verdadeiramente dizer que Ele era o *Messias*. Até para eles, que tinham encontrado a humanidade mais excepcional que alguma vez tinha aparecido na face da Terra, o «Sinal dos sinais»<sup>12</sup> – como lhe chamava *don* Gius –, até para eles, que estavam diante da humanidade do Filho de Deus em pessoa, foi necessário um caminho – um caminho feito também de correções, ou seja, de demolição das suas interpretações parciais – para chegarem enfim, graças à ajuda do Espírito, a um juízo de fé maduro, aquele juízo de fé que levou São Paulo a dizer: «E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim».<sup>13</sup>

Se não se chegar aqui, se o fascínio humano de quem encontrámos não nos levar até aqui, ou seja, a conhecermos cada vez melhor e a tratarmos cada vez mais facilmente por Tu aquele «homem loiro»<sup>14</sup> – como Giussani ousava chamá-Lo, quase que a dar-nos a percepção viva dos traços inconfundíveis da pessoa de Jesus –, aquele homem que é Deus que se fez homem “*para mim*”, então é como se esse mesmo fascínio errasse o alvo. Permitam-me ler pelo menos uma das muitas passagens em que *don* Giussani descreve este itinerário:

«O encontro – do qual parte a imagem persuasiva de Cristo, em que intuímos que Cristo é algo que é pertinente à vida, que interessa à vida – dá-se com uma companhia ou mesmo com uma única pessoa, não na medida em que tu percebes que Cristo está ali dentro, mas na medida em que te faz dizer: “Mas como é que estas pessoas são assim?” É num segundo momento que, ao ouvi-los dizer: “O Senhor está entre nós, e é por isso que somos assim”, que tu comesas a perceber que talvez seja verdade aquilo que dizem. [...] Assim, encontra-se uma companhia e diz-se: “Mas vê só como são estes aqui!” E esses aqui dizem: “Jesus Cristo existe, tu precisas de receber a Comunhão”, e uma pessoa recebe a Comunhão para ir com eles, e começa a ouvir, e ouvindo e ouvindo diz a certa altura: “Ah! Então deve ser assim mesmo, existe alguma outra coisa”. Então dá-se a passagem – e aí de nós

<sup>9</sup> «O carisma é a forma como o Acontecimento te alcança. Tu és um paralítico; ele alcança-te e tu, durante toda a vida, partirás daquela recordação; [...] o teu rosto, o teu carácter será plasmado, ou seja, será potencializado, evidenciado, por aquela recordação. [...] E o carisma alcança-te sempre através das palavras, um discurso, através – mais concretamente – de um encontro. Um encontro: tu encontraste esta companhia; esta é a modalidade com que o mistério de Jesus [...] bateu à porta da tua casa» (L. Giussani, “Dentro daquele olhar”, *Passos*, n. 55, out. 2004).

<sup>10</sup> Cf. Idem, “Reconhecer Cristo”, *Litterae Communionis*, jan.-fev. 1995, pp. XVIII-XXIII. Disponível em *clonline.org*.

<sup>11</sup> Jo 1,41.

<sup>12</sup> Cf. “O Sinal dos sinais”, *Passos*, mar. 1998. Disponível em *clonline.org*.

<sup>13</sup> Gl 2,20.

<sup>14</sup> L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Bur, Milão 1999, p. 141.

se não se dá –: essa outra coisa passa a assumir uma imponência que supera até a da companhia; então a companhia torna-se estável, segura. Portanto, tu comesas este caminho encontrando um colega, uma colega, ou vendo um grupinho que tem algo interessante, e vais atrás. E ouves esses dizerem que o que têm de interessante é porque “O Senhor está entre eles”; e tu vais atrás, meio curiosa, mas sem estar definida por essa coisa, sem estar determinada por essa coisa. A certa altura, porém, este apelo aumenta [...]; e tu ficas mais tocada pelo facto de as pessoas te dizerem: “Olha que nós estamos juntos por causa daquilo ali”. Este é um salto qualitativo em relação à impressão inicial; então tu comesas a levar aquilo a sério: enquanto antes não ias receber a Comunhão, agora vais receber a Comunhão todos os dias, ou passas a rezar todos os dias. Quanto mais tu segues com continuidade esta evolução, mais Jesus se torna mais importante do que os rostos reunidos. Aliás, torna-se tão importante, que tu percebes que sem isso os rostos desapareceriam e tu te “fartarias!” [...] A companhia diz: “Estamos juntos por isto aqui”; e uma pessoa não leva isso a sério e satisfaz-se com a companhia, gosta da companhia; não olha para esta motivação. Passado algum tempo, juro que larga também a companhia! Porque uma realidade sem motivo adequado desaparece. O motivo adequado da nossa companhia é outra coisa».<sup>15</sup>

As últimas palavras desta citação de Giussani parece-me que ajudam a focar o importante aspeto negativo da questão. Ou seja: é normal que, no início, o sinal fascinante pelo qual o Mistério veio ao meu encontro seja mais afetivamente imponente, mais afetivamente envolvente do que o próprio Mistério de que o sinal é sinal. Mas se, *com o tempo*, as coisas não mudam, ou seja, se não se dá aquela passagem que Giussani descreve aqui, a passagem pela qual «Jesus se torna *mais importante* do que os rostos» daqueles a quem eu devo a vida (porque me levaram a Ele!), então começam os problemas. É como se eu, que tenho 50 anos, me obstinasse em querer viver com minha mãe o mesmo tipo de relação que tinha com ela quando tinha 2 ou 3 anos. É normal que para uma criança de 2 anos a mãe seja tudo. Mas se continha a sê-lo quando a criança se tornou num cinquentão como eu, bem, isso significa que alguma coisa correu mal no processo educativo.

Quantas vezes *don* Giussani nos alertou para a séria possibilidade deste deter-se no fascínio do sinal! Claro, ele sempre nos repetiu que é no sinal que se encontra o Mistério, a ponto de dizer – expressão vertiginosa! – que «sinal e Mistério coincidem».<sup>16</sup> Mas dizer que *co-incidem* significa dizer que *incidem juntos*, isto é, que Ele vem ao meu encontro *através* do outro, não que são *idênticos*. Se se perder de vista o facto de que existe, entre sinal e Mistério, não apenas semelhança e participação, mas também diferença – aliás, uma diferença *infinita* –, então o sinal deixa de sê-lo e passa a ser ídolo. O sinal é sinal se me leva além de si, se me segura pela mão e me leva a conhecer e amar cada vez mais aquele Mistério, aquele Jesus Cristo de que a companhia é o sinal – para usar outra expressão famosa de Giussani – «insatisfeito, aproximativo, analógico».<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Idem, “*Tu*” (*o dell’amicizia*). Milão: Bur, 1997, pp. 175-176.

<sup>16</sup> Entre as muitas intervenções em que Giussani falou deste tema, veja-se, por exemplo: Idem, “Todas as coisas: Mistério e sinal”. *Passos*, jul. 1999; vide também Idem, *Affezione e dimora*. Rizolli, Milão 2001, pp. 239-259.

<sup>17</sup> «Estamos atentos para ao facto de que Jesus entre nós pode ser a origem de todo um mundo de humanidade, repleto de letícia e de amizades, de razões formalmente irrepreensíveis e de ajuda não só formal, mas também materialmente concreta que está pronto a dar-nos [...], mas Jesus poderia ser reduzido ao “retrato de uma bela mulher esculpido sobre o monumento sepulcral da mesma”. Se Jesus chegasse aqui em silêncio – *softly* – e se sentasse numa cadeira ali, perto daqueles, e todos a certa altura se dessem conta disso, não sei em quantos de nós o espanto, a gratidão, a alegria... não sei em quantos a afeição seria verdadeiramente espontânea, mesmo conservando uma certa consciência de si. [...] Não posso querer bem sem que esta notificação, memória e adoração e obediência e discipulado e seguimento e olhar ávido por aprender e vontade de sacrifício até à morte com que penso em ti, te olho, te sigo, sem que tudo isso se torne concreto, tão concreto que tu sejas, ó Senhor, aquele a quem eu amo: Tu és, Senhor, aquele a quem eu amo. “O que é que o homem deseja mais fortemente do que a verdade?” O que é a verdade? Um homem presente, um homem presente: não pode ser dilapidado ou corroído pela maneira bela e alegre como se apresenta a companhia de rostos que deveria ser um sinal esboçado d’Ele! Isso ocorre quando lhe dizemos “Tu” verdadeiramente, com toda a consciência do *eu*: quanto mais se tem consciência de si, mais forte, grande, verdadeira, simples e pura é a devoção a Ele [...]. Tal companhia é o sinal – insatisfeito, aproximativo, analógico, porque o sinal é todas estas coisas – de uma realidade do outro mundo! [...] A presença de Cristo no mundo é o milagre da nossa companhia. Mas isto é a ponta do *iceberg* de um sinal que “se aprofunda onde é mais verdadeiro” ou, melhor, é a ponta de um sinal que em todo o resto naufraga no significado comum, em todo

Neste sentido, o texto que acabo de citar marcou-me também por causa de outra referência, que acho preciosa: o que quer dizer que o sinal humano, através do seu fascínio, enquanto me atrai a si, ao mesmo tempo me impele para além de si, me lança para uma realidade que o excede, ou seja, para o próprio Cristo? Claro, quer dizer várias coisas, não quero pôr-me aqui a fazer uma lista. Mas impressionou-me que Giussani se refira aqui à comunhão, à Eucaristia: «Enquanto antes não ias receber a Comunhão, agora vais receber a Comunhão todos os dias».<sup>18</sup> Essa referência impressionou-me, porque é como se tivesse lançado uma luz mais clara sobre a relação entre sinal e Mistério, entre o fascínio do carisma e a relação com Cristo de que estamos a falar. Com efeito, o que há de excepcional em comer um pedaço de pão? Aparentemente nada. E mesmo saber que esse pedaço de pão é o corpo de Jesus Cristo, como a Igreja sempre ensinou, acho que teria muito pouca influência em mim, ou seja, suscitaria muito pouco interesse, curiosidade, comoção em mim, se eu não tivesse tido um encontro que tornou esse Jesus Cristo numa presença viva na minha vida – tornando assim interessante, aliás, vital, até aquele pedacinho minúsculo de pão que ingiro quando recebo a Comunhão.

Foi o encontro com o carisma do Movimento que tornou Cristo familiar para mim. Por isso eu devo tudo a *don* Giussani e ao Movimento, literalmente. Ao mesmo tempo, quanto mais avanço, mais percebo que há como que um outro lado da moeda, que não é menos importante do que aquilo que acabei de dizer. Eu diria assim: *que* Cristo é que o encontro com o carisma tornou familiar para mim? O Cristo de Giussani? Existe um Cristo de Giussani – ou um Cristo do Movimento –, um Cristo de que é possível fazer experiência independentemente da Eucaristia, ou do ensinamento sobre Ele que me chega através da Igreja? Evidentemente que não, evidentemente que o Jesus por quem Giussani me fez enamorar é o Jesus que encontro da maneira mais poderosa e eficaz precisamente na Eucaristia, mesmo que o padre que a distribui seja a pessoa mais antipática ou mais mesquinha que conheço.<sup>19</sup>

Portanto, não há nenhuma oposição – o próprio *don* Giussani nos ensinou isso,<sup>20</sup> e o Carrón lembrou-o na sua mensagem que li no início – entre o amor ao carisma que encontramos e a estima em relação a tudo o que podemos chamar de *dimensão institucional* da Igreja, o que inclui não só o magistério autorizado do Papa e dos bispos, mas também as fontes objetivas da experiência e do conhecimento de Cristo, das quais a Igreja é guardiã: a palavra de Deus e os Sacramentos. Não há oposição, dizia eu, porque a graça do carisma que nos investiu não substitui nem tampouco nos deve levar a desprezar o valor destes outros “sinais” ou “instrumentos”, desejados pelo próprio Senhor como caminho seguro para Ele. Antes, deveria dar-nos olhos capazes de apreciar *cem vezes mais* o valor desses instrumentos. Por exemplo, eu não acredito que alguma vez tivesse tido vontade de ler

---

o resto naufraga na naturalidade comum. Por isso, quanto mais se quer bem intensamente, preferencialmente – enfim, onde o bem é dizer “eu” com um ímpeto que os outros desconhecem, ou dizer “tu” com um ímpeto que os outros desconhecem –, não se trata de amortizar o peso da nossa amizade, de tornar nebulosa a eficácia repleta de olhos, de lábios e de rostos, de palavras, de cantos, de coração de uma companhia bela como esta, mas é como uma espécie de tensão exasperada – de tudo o que eu nomeei e que forma a nossa companhia – a gritar o teu nome, ó Cristo: “Obrigado, porque Te mostraste e Te sentaste aqui” (L. Giussani, “A me pare che non cerchino Cristo”. In: *L'attrattiva Gesù* op. cit., pp. 150-153).

<sup>18</sup> Idem, “*Tu*” (ou da amizade), op. cit., p. 176.

<sup>19</sup> Lê-se na carta *Iuvenescit Ecclesia*: «Afirmou João Paulo II: “Os verdadeiros carismas não podem senão tender para o encontro com Cristo nos Sacramentos”» (Congregação para a Doutrina da Fé, *Carta Iuvenescit Ecclesia*, 12). Veja-se também: «Sinto o dever de reconfiar a Vossa Santidade a emoção mais profunda, nunca tão vibrante no coração, despertada pelo juízo claro e de maior autoridade sobre esta nossa experiência de cinquenta anos; é quando Vossa Santidade, na carta que me enviou a 11 de fevereiro de 2002, no vigésimo aniversário do reconhecimento pontifício da Fraternidade de Comunhão e Libertação, escreveu: “O movimento quis e quer indicar não *uma* estrada, mas *a* estrada para chegar à solução do drama existencial do homem. A estrada é Cristo”. Não só nunca tive a intenção de “fundar” nada, como julgo que o génio do movimento que vi nascer seja de ter sentido a urgência de proclamar a necessidade de voltar aos aspetos elementares do cristianismo, ou seja, a paixão pelo facto cristão como tal, nos seus elementos originais, e basta» (L. Giussani, “Página Um”, *Passos*, p. X, nº4, abr. 2004).

<sup>20</sup> *Don* Giussani faz um longo e importante aprofundamento sobre este tema em *Deixar rasto na história do mundo*, op. cit., pp. 116-117.

os Evangelhos ou as cartas de São Paulo, se não tivesse ouvido Giussani ler e comentar o Evangelho – o meu primeiro verdadeiro encontro aconteceu ouvindo *don* Giussani a ler o Evangelho de São João nos Exercícios do CLU. Mas isto não significa que a palavra de Giussani esteja para mim acima da palavra de Deus. Significa, antes, que foi e é ele quem mais me ajudou e ajuda a penetrar no sentido da palavra de Deus, quem a tornou interessante e compreensível para mim. O mesmo é válido para muitas outras coisas – estou a pensar na oração, no gosto da amizade, do juízo cultural, em suma, em tudo o que é a nossa experiência: são tudo dimensões que pertencem à vida da Igreja enquanto tal, mas que o encontro com o carisma me ajudou a compreender e a viver de uma maneira que é fascinante para mim.

Passo assim ao próximo e penúltimo ponto. Vou usar uma expressão que estava na moda há 25 anos e que depois se perdeu um pouco.

#### 4. Coessencialidade de instituição e carisma

Quero ser franco: se quis insistir naquilo a que chamei de aspeto negativo da questão, num tom propositadamente mais forte, é porque nos últimos meses, tendo tido a ocasião de circular pelas comunidades e tendo recebido muitas cartas de membros da Fraternidade, fui forçado a reparar – até com alguma tristeza – que, para alguns de nós, falar da Igreja institucional, da Igreja do Papa e dos bispos, significa falar de uma superestrutura que sobrecarrega a vida com regras e ensinamentos que pouco ou nada teriam que ver com a experiência vivida da fé, com a experiência vivida do carisma. Como que a dizer: de um lado está a vida, a experiência vivida de Cristo, que se faz graças ao fascínio de “*presenças carismáticas*” que nos atraem e ajudam a viver; do outro lado, está a autoridade institucional da Igreja, com as suas normas e suas indicações doutrinárias, que pouco ou nada têm a ver com a vida – ainda que, é claro, seja preciso obedecer de má vontade, porque apesar de tudo somos católicos! Bem, eu acho que temos de nos ajudar a ultrapassar esta dicotomia na raiz, quer seja ela consciente ou inconsciente, pois é precisamente aqui, pelo menos é isso que me parece, que se enraíza a dificuldade de muitos de nós em perceber o passo de maturidade que a Igreja nos está a pedir. É uma das tarefas que temos neste momento.

Vou tentar dizê-lo assim: o problema aqui não é tanto um excesso de ênfase no elemento carismático, quase como se fosse errado insistir no facto de que a experiência do carisma se reforça e cresce seguindo presenças autorizadas, que nos atraem em virtude da maturidade com que vivem o mesmo carisma. Isto é justo e sacrossanto, aliás, tudo começou assim. Dissemo-lo muitas vezes, e acabamos de o reafirmar: o cristianismo comunica-se por atração. O problema, parece-me, está mais em considerar este fator – o fator atratividade, digamos assim – como o único que conta, o único que merece atenção, quase como se só ele contasse na alimentação da nossa relação com Cristo, e considerar o nosso gosto pessoal – ainda que às vezes o chamemos de “correspondência ao coração” com aceção meio aproximativa – como o único critério para estabelecer aquilo que é a voz de Cristo e o que não é. Pois bem, permitam-me dizer: pensar isso não pode ser senão um engano, uma mentira, que mais não fosse pelo facto de que, como dissemos antes, o Cristo pelo qual nos enamorámos graças ao carisma dado a Giussani não é o Cristo da sua imaginação nem tampouco o da *nossa* imaginação, o Cristo das nossas interpretações, mas o Cristo que entregou a Sua presença real na história e o testemunho verdadeiro sobre Ele a Simão Pedro e aos apóstolos, ou seja, precisamente àquela realidade a que chamamos «Instituição».<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Lê-se na *Iuvenescit Ecclesia*: «O dom do Espírito na Igreja está ligado à missão do Filho, consumada plenamente no seu mistério pascal. [...] Por isso, o Espírito Santo não pode, seja de que forma for, inaugurar uma economia diversa à do *Logos* divino encarnado. [...] A relação originária entre os dons hierárquicos, conferidos pela graça sacramental da Ordem, e os dons carismáticos, livremente distribuídos pelo Espírito Santo, tem, portanto, a sua raiz última na relação entre o *Logos* divino incarnado e o Espírito Santo, que é sempre Espírito do Pai e do Espírito. Precisamente para evitar visões teológicas equívocas que requeressem (levassem a) uma “Igreja do Espírito” diversa e separada da Igreja



Chegamos assim à abordagem de um dos temas centrais sobre os quais somos chamados a refletir um pouco mais a fundo do que fizemos até agora: refiro-me ao tema da *coessencialidade* – para usar a famosa expressão de João Paulo II, retomada depois pelo papa Bento XVI e por fim pela carta *Iuvenescit Ecclesia* – entre elemento institucional e elemento carismático na vida da Igreja.

Permito-me, em primeiro lugar, frisar que se trata de uma questão nada abstrata ou distante da vida e da experiência que vivemos no Movimento. De facto, quer estejamos ou não conscientes disso, a forma como nós concebemos esta relação entre função da autoridade no sentido institucional do termo e função da autoridade no sentido carismático do termo determina *de facto* (e em medida relevante) o significado que nós damos a duas palavras que têm um peso central na experiência que queremos ajudar-nos a viver: a palavra «seguir» e a palavra «autoridade».<sup>22</sup> O que quer dizer *seguir a autoridade*? Esta é a questão verdadeira e central sobre a qual a Igreja nos pede um passo de *consciência crítica*, ou seja, para voltarmos a olhar profundamente para toda a nossa experiência.

Em resumo, o que se entende por coessencialidade de dons hierárquicos e carismáticos (para usar a terminologia da *Iuvenescit Ecclesia*)?

Para não me alongar demais – espero que tenhamos a oportunidade de aprofundar –, queria fazer a este respeito apenas três sublinhados sintéticos, que pretendem mais abrir do que fechar a discussão, ou, se quiserem, pretendem oferecer pontos de reflexão.

Primeiro sublinhado: por coessencialidade entende-se o facto de que dons hierárquicos (ou seja, a autoridade institucional) e dons carismáticos (os carismas que Deus distribui a quem quiser *ad utilitatem* para a edificação da Igreja) estão «reciprocamente relacionados desde a sua origem».<sup>23</sup> Aqui estamos a dizer que carismas e instituição não só não estão contrapostos – atenção –, como também não estão simplesmente justapostos, como se cada um desse frutos independentemente do outro, paralelamente. Como se alguém dissesse: «Sim, na Igreja existem os dois, os dois são necessários, instituição e carisma, mas cada um age e edifica o povo cristão por conta própria, independentemente do outro». Não, coessencialidade significa que cada um só pode dar frutos apenas – apenas! – em comunhão com o outro, em sinergia com o outro, com a ajuda do outro. A instituição, ou seja, a Igreja do Papa e dos bispos, precisa de ser alimentada e ajudada pela força dinâmica e profética dos carismas (lembrem-se, para quem a ouviu, da intervenção do Cardeal Marc Ouellet no congresso sobre os movimentos de junho passado?),<sup>24</sup> para dar frutos na sua missão. Por outro lado, os carismas não podem verdadeiramente dar frutos se não se colocarem ao serviço da Igreja guiada por Pedro, se não se deixarem guiar e corrigir.<sup>25</sup>

Assim, cada elemento precisa do outro, nenhum dos dois – poderia dizer-se – dá fruto “*solitariamente*”, como se, para ser eficaz, precisasse apenas da graça que lhe chega diretamente de Deus: não, cada um – atenção, a Igreja diz: até o Papa – precisa *da ajuda* de outros homens como ele para fazer com que *o seu dom* dê frutos.

O padre Lepori, nos Exercícios da Fraternidade, referiu-se a esta ideia de forma muito bonita, ao falar da relação entre Pedro e João, «o mais “carismático”, o mais místico» dos discípulos de Jesus, em especial debruçando-se sobre a famosa cena da corrida de Pedro e João para o sepulcro, tal como está relatado no quarto Evangelho: «Toda a manifestação e ação de Cristo e do Espírito que o Ressuscitado sopra sobre os discípulos, todos os carismas (porque os carismas são a vida do Ressuscitado na vida da Igreja, na vida do mundo), tudo está certo se Pedro o confirmar com a sua experiência de Cristo presente e vivo. [...] João, que é talvez o mais “carismático” dos apóstolos, o mais arguto, o mais místico, o mais profético, o mais ardente no amor e na amizade com Cristo, longe

---

hierárquica-institucional, é oportuno sublinhar que as duas missões divinas se implicam reciprocamente em todos os dons concedidos à Igreja» (Congregação para a Doutrina da Fé, *Carta Iuvenescit Ecclesia*, 11).

<sup>22</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, Bur, Milão 1996, pp. 215-222.

<sup>23</sup> Congregação para a Doutrina da Fé, *Carta Iuvenescit Ecclesia*, 10.

<sup>24</sup> «“Movimentos e novas comunidades”, a formação sobre os carismas», *clonline.org*, 12 de julho de 2022.

<sup>25</sup> Lê-se na IE, citando *Lumen Gentium*, n. 7: «Em ordem à santificação de cada um dos membros do povo de Deus e à missão da Igreja no Mundo, entre os diversos dons, “sobressai a graça dos Apóstolos, a cuja autoridade o mesmo Espírito submeteu também os carismáticos”».

de tirar de tudo isso um motivo para se sentir superior, percebeu que nesta escolha do Mestre do primado de Pedro estava o caminho seguro para viver os seus carismas seguindo Cristo. Já quando foi ao sepulcro na manhã de Páscoa, mesmo tendo corrido mais depressa do Pedro, para e espera. Porquê? Porque quer entrar no sepulcro *seguindo* Pedro, quer acreditar no seio de um seguimento, como aprendeu seguindo o próprio Jesus».<sup>26</sup>

Por outro lado, Pedro é chamado não só a reconhecer os grandes carismas que o Senhor deu a João, mas até a alimentar-se deles, de modo que há um sentido em que Pedro é chamado a seguir João não menos do que o contrário, «como quando [João] lhe diz: “É o Senhor!” depois da pesca milagrosa. E aqui *Pedro*», prossegue o padre Lepori, “*obedece ao carisma de João*, porque, precisamente, o ajuda a reconhecer o Ressuscitado presente para o qual corre primeiro, atirando-se à água para que todos os outros possam, ainda e sempre, segui-lo para Jesus».<sup>27</sup>

## 5. Autoridade e autoridade moral: da Igreja ao Movimento

Segundo sublinhado: desenvolvendo posteriormente esta ideia, introduzida no magistério da Igreja por João Paulo II, Bento XVI acrescentou uma especificação importante para nós: esta coessencialidade, ou seja, esta unidade dinâmica de elemento institucional e elemento carismático, não diz respeito apenas à relação entre realidades carismáticas como CL e a autoridade da Igreja. Diz também respeito à vida interna das próprias realidades carismáticas – principalmente quando se trata de garantir continuidade e desenvolvimento a essas realidades após a morte do fundador. Lemos na *Iuvenescit Ecclesia*: «O Papa Bento XVI, além de sublinhar a sua coessencialidade, aprofundou a afirmação do seu predecessor recordando que “tal como na Igreja as instituições essenciais são carismáticas [isto é, nelas o Espírito Santo age eficazmente, pensemos nos Sacramentos], assim os carismas devem de uma forma ou de outra institucionalizar-se, para que haja coerência e continuidade. Assim, ambas as dimensões, originárias do Espírito Santo através do Corpo de Cristo, concorrem conjuntamente para tornar presente o mistério e a obra salvífica de Cristo no mundo”».<sup>28</sup>

As duas dimensões “*concorrem conjuntamente*” para tornar presente Cristo – afirma o Papa Bento XVI –, mais ou menos como Simão e João, que *correm juntos* para o Sepulcro. E isso, note-se, *em toda e qualquer realidade eclesial*, inclusive numa realidade carismática como a nossa, se ela quiser durar no tempo. Pois bem, será que tudo isto é uma traição ao pensamento de *don* Giussani sobre o que o Movimento devia ser depois da sua partida? Dizer que também na nossa realidade é necessário existir este entrelaçar de autoridade objetiva e autoridade carismática, onde um elemento precisa do outro sem se confundir com o outro, é trair *a ideia do futuro do Movimento* que *don* Giussani tinha? Acho que devemos colocar-nos seriamente esta questão. Eu estou convencido de que não. Ouvi repetir muitas vezes, nos últimos meses, sobretudo fazendo referência ao final do famoso texto «O maior sacrifício é dar a própria vida pela obra de Outro»<sup>29</sup> – sobre o qual teremos tempo para nos debruçar –, que Giussani propõe uma visão da função da autoridade no Movimento que é análoga à da Igreja. Feitos os devidos esclarecimentos – esclarecimentos sobre os quais não me posso debruçar agora –, partilho esta posição. Não há dúvida que Giussani propunha esta analogia. Mas a questão diz

<sup>26</sup> M. Lepori, *Cristo, Vida da vida*, op. cit., pp. 58.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 59.

<sup>28</sup> Congregação para a Doutrina da Fé, *Carta Iuvenescit Ecclesia*, 10.

<sup>29</sup> Agora em *Gerar rasto na história do mundo*, cuja passagem mais comumente citada foi republicada de forma definitiva: «Esta é a nossa virtude: a comparação com o carisma na sua originalidade através do efêmero de que Deus se serve. Regressa aqui a importância do efêmero. Por agora, a comparação última é com a pessoa com quem tudo começou. Esta pode ser dissolvida, mas os textos deixados e a sucessão ininterrupta – se Deus quiser – de pessoas indicadas como ponto de referência, como verdadeira interpretação do que aconteceu, tornam-se o instrumento de correção e de ressuscitação; tornam-se o instrumento para a moralidade. A linha de referências indicada é a coisa mais viva do presente, porque um texto sozinho também pode até ser mal interpretado; é difícil interpretá-lo mal, mas isso pode acontecer» (L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 124).

respeito, mais exatamente, à forma como nós concebemos a autoridade na Igreja: se a concebemos como fundada na unidade (mas também diferença) entre Pedro e João, entre elemento institucional e carismático, ou de maneira diferente, por exemplo teorizando que Pedro e João devem fundir-se *sempre e por força* numa única pessoa, o que quererá dizer que o chefe deveria ser o mais carismático e o mais carismático – admitindo, depois, que se pode estabelecer quem é – deveria ser o chefe.

Permitam-me terminar esta segunda consideração com uma citação de *don* Giussani. Como sabem, principalmente em textos que remontam aos anos noventa, Giussani muitas vezes e de bom grado fazia uma distinção entre duas aceções diferentes da palavra autoridade, aceções que correspondem exatamente à polaridade Pedro/João de que estamos a falar.<sup>30</sup> Nos Exercícios de 1993, por exemplo, perguntam-lhe: «Qual é a relação entre a autoridade do carisma e a autoridade moral pessoal?». Eis a sua resposta: «A autoridade no carisma, para ser muito simples, é aquela que a Igreja reconhece. A Igreja reconhece a responsabilidade de um carisma. A autoridade moral pessoal é dada pela participação que uma tem na autoridade estabelecida. Eu posso ter uma autoridade no carisma que interessa ao movimento, e pode existir entre vós a pessoa mais pequena que vive este carisma com uma tal vivacidade, com uma tal sinceridade e uma tal humildade, que me ultrapassa por todos os lados, e eu próprio olho para ela procurando aprender o significado do carisma do qual sou defensor e guia. O significado deste carisma é revelado por aqueles que, na simplicidade do seu coração, vivem o dom dado pelo Senhor, e assim se tornam autoridade de facto. A autoridade moral é aquela que solicita e edifica. A autoridade estabelecida é quem assegura o caminho. A autoridade assegura o caminho justo; a autoridade enquanto reconhecida pela Igreja. A autoridade moral anima os passos, torna belo o caminho, torna-o persuasivo, torna-nos mais capazes de sacrifício quando ele é preciso. A autoridade moral é uma santidade, a autoridade estabelecida é uma tarefa».<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> A propósito disto, é digno de atenção o seguinte texto, retirado de «L'autorità diventa una preferenza» in «*Tu*» (*o dell'amicizia*), op. cit., pp. 130-132: «Primeiro, é preciso distinguir a autoridade enquanto *momento* da autoridade como tipo de presença, capacidade de presença que *normalmente* se torna chamamento, que tende normalmente a tornar-se chamamento: quando aquela pessoa está presente – já o sabes –, essa pessoa, muito ou pouco, chama a tua atenção. Depois há a autoridade que na configuração, no organismo do corpo de Cristo, no organismo daquele pedaço do corpo de Cristo que é a companhia vocacional, assume um *papel* representativo do chamamento. Aqui só as respostas às vossas perguntas é que podem esclarecer, senão uma pessoa faz um discurso analítico, esforça-se para fazer um discurso analítico. Porque este terceiro caso deixa intacto o facto de a pessoa que cumpre esse papel, por si só, apontar para o Senhor, ou que apontar para o Senhor seja o seu papel, a objetividade do seu papel. Pelo facto de haver um responsável da casa, a ideia de responsável da casa é um papel que aponta para Deus: devido ao seu papel, à sua estrutura, aponta para Deus. Pode ser, como pessoa, a pessoa que mais nos bloqueia, tanto que seja difícil aceitá-la ou nos exija ultrapassar várias impressões precedentes que estão pelo meio. De qualquer maneira, são estes os três casos da autoridade como milagre. *Primeiro*, a autoridade como acontecimento isolado, como *momento excepcional* em que a pessoa é chamada. *Segundo*, a autoridade como fisionomia de vida que torna normal a sua *presença como algo que aponta* para o Senhor: quando aquela presença está, nós lembramo-nos do Senhor, mais cedo ou mais tarde, de uma forma ou de outra. E depois, *terceiro*, há a autoridade como milagre enquanto *papel*, porque o facto de existir uma autoridade última no mundo que diz a verdade, que julga todos os juízos dos homens do ponto de vista da verdade última – estou a falar do Papa –, isto é um milagre absoluto. Mas que, num grupo de pessoas que se reúne porque o Senhor está presente, haja alguém que nos guia, reivindicando as palavras certas, julgando em última instância os comportamentos, que mesmo sem saber demonstrar tem um espírito consoante ao do Papa, isto também é um milagre. Pode ser um malandro e ter este papel. Por isso, mesmo a autoridade enquanto papel não deve ser negligenciada, mas desmascara a pureza do nosso olhar. E há que segui-la na medida em que comunica o conteúdo de seu papel, não na medida em que é a pessoa tal.

*O que quer dizer “comunica o conteúdo de seu papel”?*

Qual é o conteúdo do seu papel? Apontar para Cristo. Então se ela te diz: “Às 7h30 são as laudes”, está a apontar para Cristo: é o conteúdo do seu papel. Se diz: “Agora vamos fazer silêncio. Nesta casa não há muito silêncio”, está a chamar-te, cumpre o seu papel, e pode ser que ela cumpra mal o horário de silêncio. Ou seja, aquilo que te ajuda não é a forma como ela se comporta, mas é o papel dela; é isso que te marca. Ela diz: “Não, isto sim, isto não”, não como opinião, é a chamada de atenção para a regra».

<sup>31</sup> L. Giussani, *Um acontecimento na vida do homem*, Paulus Editora, Lisboa 2020, p. 290.

## 6. Um corolário intrigante: porquê Pedro, e não João?

Passo agora à conclusão. O terceiro sublinhado, mais do que um destaque, é uma espécie de dupla provocação ou pergunta. A esta altura podíamos perguntar: por que é que o próprio Jesus, o Senhor, quis dar esta forma à Igreja, quis que se desse esta polaridade entre carisma e instituição, entre João e Pedro? Resumindo de forma grosseira – como ouvi do meu irmão padre Paolo, ele que é um estudioso apaixonado do Evangelho de João –: se é verdade que todo o Evangelho de João não faz mais que insistir no facto de João ser o *discípulo amado*, o que mais esteve perto de Jesus nos momentos cruciais, o mais inteligente e profundo e até o mais obediente e dócil ao mestre, por que é que em João 21 Jesus confia a Pedro, e não a ele, a tarefa de apascentar as ovelhas? Por que é que Jesus escolhe Pedro, que até o negou, e não João, para ser o chefe?

Em suma, deixo-vos duas perguntas.

Primeira pergunta: por que é que o Senhor quis que se desse esta tensão irreductível entre autoridade moral e autoridade, entre carisma e instituição, de modo a não haver um *ponto único* pelo qual passa toda a profecia, toda a graça, toda a ação do Espírito, mesmo havendo um *ponto último* que serve de critério de discernimento?

Segunda pergunta: por que é que Jesus não escolheu o mais carismático, ou seja, João ou Paulo, mas sim Pedro para ser esse critério último de discernimento?

Não quero responder agora a estas perguntas. Convido cada um de vocês a refletir sobre isso. É a forma como podemos olhar para este momento e para o futuro da nossa companhia.